

ANÁLISE DOS FERTILIZANTES

José A. Drummond Gonçalves

Situando a importância dos fertilizantes no conjunto dos insumos modernos, o autor focaliza a sua decisiva contribuição para a elevação da eficiência da produção agrícola, por todos reconhecida; e, também, o papel que desempenha na promoção da introdução de novas práticas, as quais, em conjunto, tem sido responsáveis pelo avanço da arte agrícola, nos últimos anos.

Face a recente crise de abastecimento e de elevação dos preços dos fertilizantes, passou a analisar a situação de cada um dos nutrientes — nitrogênio, fósforo e potássio, buscando explicar as ocorrências em cada um destes setores. Para tanto, recorreu aos números oferecidos por Donald MacCune, do Tennessee Valley Authority, em seu trabalho "The World Fertilizer Situation and its Implications — A Reevaluation".

1 — SITUAÇÃO DOS NITROGENADOS

A previsão inicial do TVA, feita em 1972, era de que nos próximos três anos haveria equilíbrio entre a oferta e a procura de nitrogenados. Todavia, já em 1973 iniciara-se um desequilíbrio, em desfavor do consumo, em virtude do retardamento de entrada em operação de alguns projetos industriais e do atraso de tomada de decisão de algumas indústrias que planejavam ampliações.

Face a isto, a oferta mundial de nitrogenados, em 1972 foi de 35,1 milhões de toneladas e não de 36,3 milhões, como antes previsto. O que despertou a atenção de muitos países, estimulando prospecções de jazidas de gás natural e motivando novos projetos de produção de amônia, no Canadá, Estados Unidos, área do Caribe, Venezuela e países do Oriente Médio (sobretudo Irã e Kuwait).

Mas, a esta situação veio juntar-se a crise mundial do petróleo, agravando a produção dos nitrogenados. Os países europeus e asiáticos que eram tradicionais produtores destes fertilizantes, recebendo menores quantidades de matéria-prima, reduziram seus programas; nos Estados Unidos, onde isso também aconteceu uma crise de energia elétrica veio comprometer ainda mais a capacidade de produção.

A esse quadro pouco animador, veio juntar-se a dificuldade de transporte, determinando grandes aumentos nos fretes, que passaram a pesar nos custos finais dos fertilizantes.

No trabalho original, o autor apresenta um quadro detalhado, mostrando a evolução dos preços de dois produtos de maior uso — sulfato de amônia e uréia — indicando os preços FOB, frete e custo final, com evolução desde julho de 1973 até julho de 1974. Resumindo, são estes os preços entre os extremos do período indicando: o sulfato de amônia, que custava US\$ 22,50 a tonelada em julho de 1973, transportando a US\$ 7,00 por tonelada, ficava em US\$ 29,50; em junho de 1974, o seu custo FOB era de US\$ 140,00, o frete subira para US\$ 25,00 resultando no preço final de US\$ 165,00. Com a uréia, foi isto o que aconteceu: seu preço original de US\$ 47,89 por tonelada em julho de 1973, acrescido de

US\$ 7,00 de transporte, somava US\$ 54,89; em junho de 1974 custava US\$ 330,00, o frete US\$ 25,00 e o preço final elevou-se a US\$ 355,00.

2 – SITUAÇÃO DOS FOSFATADOS

A previsão de produção de nutrientes fosfatados baseou-se nas disponibilidades de rochas fosfáticas e de fabricação de ácido fosfórico – e os números do TVA admitiram que em 1972 haveria equilíbrio entre a oferta e a procura.

Mas o aumento imprevisto do consumo logo evidenciou a incapacidade de seu atendimento pelas fábricas de ácido fosfórico; simultaneamente, evidenciava-se baixa rentabilidade das explorações de jazidas rochosas (além de restrições impostas pelas leis contra a poluição, em alguns países), desestimulando a produção desta matéria-prima.

Retomando o esforço de suprimento de nutrientes fosfatados, alguns países iniciaram a intensificação de suas atividades, começando a surgir contribuições adicionais do Saara Espanhol, África do Sul e Austrália; enquanto que a rocha fosfatada dos Estados Unidos era mais destinada ao fabrico de ácido fosfórico e superfosfórico.

Ocorreu também a tendência de os países detentores de jazidas fosfáticas valorizarem o P_2O_5 , industrializando domesticamente a matéria-prima.

O reflexo de tudo isso, foram dificuldades para o Brasil em obter matérias-primas fosfatadas, bem como de produtos intermediários e finais de alta concentração. O autor, à maneira do que fez em relação aos nitrogenados, apresentou um quadro minucioso sobre evolução periódica dos preços, entre julho de 1972 e junho de 1974, aqui indicados apenas em relação a estes extremos de datas, para três produtos – fosfato natural, fosfato diamônio e superfosfato triplo (procedências dos Estados Unidos). Em julho de 1972, a rocha fosfática bruta custava US\$ 8,43 a tonelada, era transportada a US\$ 7,50, ficando em US\$ 15,93; em julho de 1974 passará a custar US\$ 42,00 acrescidos de US\$ 25,00 de frete, ficando em US\$ 67,00; o fosfato diamônio neste período, passou de US\$ 82,80 + US\$ 7,00 de frete, totalizando US\$ 89,80 para US\$ 330,00 + US\$ 25,00 de de frete, somando US\$ 355,00; o superfosfato triplo que custava US\$ 61,90 + US\$ 7,00 de frete, ou seja, US\$ 68,90 subiu para US\$ 300,00 + US\$ 25,00 de de frete, totalizando US\$ 325,00.

3 – SITUAÇÃO DOS POTÁSSICOS

No futuro, poderão ocorrer restrições ao suprimento de potássio. O consumo de K_2O foi de 17,5 milhões de toneladas em 1972, e é previsto um aumento da ordem de 3,5% por ano. Como a produção era de 26,0 milhões, tem havido reajustes anuais para atender a este desequilíbrio.

Depois de fazer algumas considerações em torno da exploração de jazidas potássicas no Canadá e Estados Unidos, o autor faz um confronto entre os preços vigorantes em julho de 1972 e junho de 1974, quando foi este o comportamento do cloreto de potássio “standard”: o preço da tonelada FOB era de US\$ 33,08 e o frete US\$ 7,00 somando US\$ 40,08 (junho de 1972); com os aumentos, a tonelada passou a US\$ 65,00 + US\$ 25,00, ou seja, US\$ 90,00 (junho de 1974).

4 – PANORAMA MUNDIAL

A seguir, analisa a situação da produção e do consumo mundial dos fertilizantes, fundamentado em recentes levantamentos. O levantamento para o ano de 1974 revelou que a produção mundial de nitrogenados é de 41.549 mil toneladas, e o consumo de 40.642 mil, com saldo de 998 mil toneladas; fosfatados – produção de 26.210 mil toneladas, consumo de 25.139 mil e saldo de 1.071 toneladas; potássicos – produção de 21.836 mil toneladas, consumo de 19.415 mil e saldo de 2.413 mil toneladas. Embora à primeira vista, mesmo com tão reduzidos saldos, dê a impressão de situações favoráveis, a verdade é que ocorrem deficits grandes dos três nutrientes nos países em desenvolvimento – em cujo grupo nos encontramos – apenas amenizados pelos excedentes dos países desenvolvidos, nem sempre disponíveis para atender aos primeiros.

Dando ênfase especial ao comportamento do mercado americano, do qual nós dependemos muito, o autor traça um retrato de que está acontecendo nos últimos tempos, baseando-se sobretudo nos informes do “The Fertilizer Institute”. Segundo este, há falta de amônia, que deverá prevalecer até 1980; há dificuldades de produção de fosfatados, na Flórida, o que deverá amenizar-se somente em 1976; a produção americana de potássio é reduzida, ficando na dependência do Canadá, ou, mais remotamente, até da Rússia.

5 – FERTILIZANTES NO BRASIL

Em 1973, o consumo nacional de nutrientes foi da ordem de 1.635 mil toneladas, assim distribuídas: 8,6% no Nordeste, 60,0% no Centro e 31,4% no Sul.

A série histórica deste consumo, nos últimos dez anos mostra que passamos de 225.424 toneladas de nutrientes em 1964 para 1.635.502 toneladas em 1973 – mais de seis vezes (no trabalho original, o autor enumera ano por ano a evolução dos nutrientes).

Deste total consumido, a produção nacional contribui com porcentagem já expressiva, nos setores de nitrogenados e fosfatados. Tomando por base o último quinquênio, a contribuição nacional de nitrogenados passou de 6.640 toneladas em 1969, para 140.292 toneladas em 1973, enquanto os fosfatados subiram de 127.798 toneladas para 337.597 toneladas em 1973; em números globais, entre os extremos do período, a participação nacional foi de 134.258 e de 477.889 toneladas.

Considerando o ano de 1973, a indústria nacional contribuiu com 39,4% de nitrogenados e com 46,3% de fosfatados, em relação ao total consumido – no total, sua participação foi de 29,2%. (não há produção brasileira de potássicos).

Evidentemente, a influência dos importados é grande e a repercussão das elevações de preços internacionais afeta o custo de produção brasileiro. Um levantamento do valor da adubação e do valor da produção, nos últimos três anos, em oito das principais culturas, é apresentado pelo autor do trabalho original e evidencia dados impressionantes: o custo da adubação passou de 644 para 2.116 cruzeiros no café; de 309 para 993 no algodão; de 431 para

1.192 cruzeiros na cana-de-açúcar; de 437 para 1.240 nos citros, entre outros exemplos.

6 – DESAFIO DO FUTURO

Amenizando este quadro pouco animador da situação de suprimento e de preços de fertilizantes, o autor aponta as perspectivas do desenvolvimento nacional do setor, indicando:

a) a implantação de novas indústrias; b) o aperfeiçoamento das normas de crédito rural a ser utilizado pelo agricultor; e c) vultosos investimentos na infraestrutura de ferrovias que transportam os fertilizantes (analisando cada uma delas em detalhes e exibindo mapa de localização das novas empresas que se instalam). Refere-se a recente criação da FIBASE – Financiamento para Insumos Básicos – do Governo Federal. E encerra com uma mensagem de otimismo sobre as perspectivas futuras de produção de fertilizantes, caminhando no sentido da autosuficiência neste setor.